

LEITURA E MULHERES NOS JORNAIS PELOTENSES DO FINAL DO SÉCULO XIX

Renata Braz Gonçalves
Doutoranda PPGE-FAE/UFPEL, Professora do Curso
de Biblioteconomia da FURG, pesquisadora do
HISALES
renatabraz@furg.br

INTRODUÇÃO

O presente texto tem por objetivo apresentar uma parte do projeto de tese desenvolvido no Programa de Pós-Graduação em Educação (doutoramento), da Universidade Federal de Pelotas, na linha de pesquisa História da Educação. Ao trabalhar com história da leitura pretendo identificar e analisar representações da leitura “de” e “para” mulheres na cidade de Pelotas no final do século XIX, através da análise de periódicos locais.

Nessa pesquisa, buscarei compreender como era representada a leitura por/para uma determinada comunidade de leitores, ou melhor, de leitoras: mulheres para quem os jornais destinavam ou censuravam seus textos, elegiam como assunto de discussão, e, também, abriam espaço para que suas palavras fossem publicadas.

Partindo da tese de que existia um considerável público leitor feminino em Pelotas no século XIX e de que esse público tinha influência na produção literária, artístico e cultural da cidade na época, diferentemente daqueles que contam a história unicamente a partir dos feitos masculinos, tentarei responder algumas questões.

Que leitura era indicada às mulheres? O que não era indicado às mulheres? O que era proibido? O que liam as pelotenses? Como acessavam os materiais de leitura? Em quais espaços era realizada a leitura? Há indícios de apropriação da leitura por essas mulheres? As mulheres também escreviam nos jornais? Como abordavam as questões relativas à mulher nos jornais? Que contribuições as mulheres traziam para a vida literária de Pelotas no século XIX?

Foram eleitos como fonte de pesquisa 29 jornais publicados em Pelotas no século XIX. O conjunto desses jornais é formado por títulos que se denominavam de variadas formas, como, por exemplo, comerciais, literários, políticos, noticiosos ou ilustrados. Através da análise preliminar das fontes, pude identificar várias situações do cotidiano da sociedade pelotense da época, o que permite a constatação da exequibilidade da pesquisa e a possibilidade de responder às questões de pesquisa levantadas a priori.

Para dar suporte a esta pesquisa, procurarei abordar as noções e metodologias utilizadas e difundidas por historiadores da leitura que trabalham sob a perspectiva da História Cultural, com ênfase naquelas propostas por Roger Chartier.

A proposição de Chartier para que em História da Leitura se estude o texto, o livro e a leitura, tem norteado a minha forma de olhar para as fontes, que se constituíam também em material de leitura da época e apresentavam variadas materialidades físicas e textuais. Além disso, a leitura de pesquisas na área da história da leitura sob a perspectiva da História Cultural tem me ajudado na eleição de algumas categorias de análise que ainda estão emergindo.

Para Chartier(1990, p.16), representação é o modo pelo qual em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada, dada a ler por diferentes grupos sociais. Ou seja, característica de ser no mundo, significando um estatuto, um lugar, um poder, enfim, as formas institucionalizadas pelas quais os “representantes” encarnam de maneira visível, “presentificam”, a coerência de uma comunidade, a força de uma identidade ou permanência de um poder.

Dessa forma, Roger Chartier afirma que a noção de representação permite articular três registros de realidade:

por um lado, as representações coletivas que incorporam nos indivíduos as divisões do mundo social e organizam os esquemas de percepção a partir dos quais eles classificam, julgam e agem, por outro, as formas de exibição e de estilização da identidade que pretendem ver reconhecida; enfim, a delegação a representantes (indivíduos particulares, instituições, instancias abstratas) da coerência e da estabilidade da identidade assim afirmada.(CHARTIER, 2002, p.11).

Segundo o autor:

Não existe prática que não se articule sobre as representações pelas quais os indivíduos constroem o sentido de sua existência – um sentido escrito nas palavras, nos gestos, nos ritos. É por essa razão que os mecanismos que regulam o funcionamento social, as estruturas que determinam as relações entre os indivíduos devem ser compreendidos como o resultado, sempre instável, sempre conflituoso, das relações instauradas entre as percepções opostas do mundo social (CHARTIER, 2004, p.18).

Sendo assim, a presente pesquisa será norteadada pela análise das representações da leitura “de” e “para” mulheres, assim como de escritas “sobre” mulheres em alguns periódicos produzidos em Pelotas no final do século XIX, de acordo com a noção de representação difundida por Chartier.

Aplicando esse conceito à pesquisa que se pretende desenvolver, a noção de representação pode ser empregada no estudo dos textos dos periódicos, uma vez que a fonte não apresenta o passado tal como ele ocorreu, deixando de ser, como já dito, um reflexo ou cópia do real.

No entanto, é possível afirmar que a análise dos periódicos, isto é, da imprensa da época, permitirá interpretar como a realidade social foi construída e transmitida através de uma visão de mundo, ou seja, como aquele grupo de indivíduos (jornalistas, leitores, correspondentes) via as atividades relacionadas à leitura, no final do século XIX, e como elas eram comunicadas aos leitores, de acordo com suas intenções, posições e interesses.

A CIDADE DE PELOTAS DO SÉCULO XIX ATRAVÉS DOS JORNAIS: LOCUS, FONTES E METODOLOGIA DA PESQUISA

De acordo com Loner (1998, p.5), em Pelotas, no final do século XIX, havia um permanente desejo da sociedade em estar a par das novidades artístico e culturais, que podia ser observado através do “extraordinário florescimento de sua imprensa”. Segundo a autora, além dos jornais diários, centenas de outros periódicos surgiram a partir da segunda metade do século XIX, especialmente jornais de pequeno porte, extremamente diferenciados quanto ao seu conteúdo,

tiragem e suporte. Para a autora, os jornais do século XIX existiam em quantidade extremamente significativa para “uma cidade que, no início da República, possuía cerca de 25.000 habitantes apenas em sua zona urbana, sendo que 34% desses eram analfabetos, descontados os menores de oito anos” (LONER, 1998, p. 06).

Na consulta preliminar a alguns desses jornais, pode-se perceber que os periódicos locais destacavam, diariamente, notícias sobre a vida social e cultural da cidade de Pelotas. Eram relatadas festas, reuniões, criações de associações, bailes, passeios, saraus, espetáculos teatrais, desfiles carnavalescos, bem como, acontecimentos ordinários do dia-a-dia pelotense.

Dessa forma, para constituir o corpus dessa pesquisa, optei por selecionar os títulos de jornais publicados em Pelotas no século XIX disponíveis no Museu da *Bibliotheca Publica Pelotense* e na *Biblioteca Publica Rio-Grandense*, que são os repositórios, dos quais tenho conhecimento, que possuem esse acervo. Vale salientar que as coleções estão incompletas em virtude da decomposição causada pelo tempo e pelas precárias condições de armazenagem e manuseio que esses documentos sofreram ao longo dos anos. O recorte temporal compreende as décadas de 1850 a 1890, tomando por base os jornais mais antigos disponíveis até o final do século XIX. Dessa forma, constituem o *corpus* dessa pesquisa, os conteúdos dos jornais cujos títulos estão especificados no seguinte quadro:

Quadro 1: Jornais consultados

Títulos	Período (semestres disponíveis para pesquisa)	Observações (Tipo de jornal, temas privilegiados, periodicidade):
*Correio Mercantil	1875 – 1900 (49 sem)	Commercial e noticioso. Periodicidade diária
Onze de junho	1881 – 1889 (11 sem)	Noticioso. Periodicidade diária
*Jornal do Comércio	1875 – 1882 (15 sem)	Político comercial e noticioso. Periodicidade diária
*O Paiz	1876 – 1877 (04 sem)	<i>Órgão do liberal do commercio e da indústria</i> . Periodicidade diária
*A Discussão	1881 – 1887 (14 sem)	Comercial, noticioso. Periodicidade diária
Nação	1882 – 1886 (10 sem)	<i>Órgão do partido conservador – propriedade de uma associação</i> . Periodicidade diária
*O Comercial	1886 – 1887 (01 sem)	<i>Jornal ilustrado</i> . Comercial, noticioso. Periodicidade diária
*A Pátria 1887-1889	1887 – 1891 (05 sem)	Comercial,. Periodicidade diária
Nacional	1889 – 1892 (06 sem)	Comercial, noticioso. Periodicidade diária

Títulos	Período (semestres disponíveis para pesquisa)	Observações (Tipo de jornal, temas privilegiados, periodicidade):
Diário Popular	1890 – 1900 (13 sem)	<i>Órgão Republicano</i> . Político comercial e noticioso. Periodicidade diária
A Opinião Pública	1896 – 1900 (10 sem)	<i>Órgão dos interesses gerais – política republicana</i> . Periodicidade diária
O Constitucional	1873 (02 sem)	<i>Órgão conservador</i> . Periodicidade diária
Folha da tarde	1887 – 1888 (04 sem)	Comercial. Periodicidade diária
*O Pelotense	1855 (01 ex)	O Pelotense é um periódico comercial, político e de notícias, publicado as terças, quintas e sábados, é feito na tipografia Imparcial de propriedade de Cândido Augusto de Mello. Recebe correspondências pelo preço que se convencionar e insere grátis artigos científicos e de literatura
Diário de Pelotas	1876-1889 (27 sem)	Noticioso, comercial. Em 1889 passa a ser <i>órgão do partido liberal do sul da província</i> , Periodicidade diária
A Ventarola	1875 – 1900 (49 sem)	Literário, ilustrado, humorístico, de <i>interesse geral da comunidade</i> . A Ventarola acompanhará o progresso do pensamento humano, sem, entretanto, invadir “o sacro-santo lar da família”. Periodicidade Semanal.
*Progresso Litterário	1877 – 1888 (13 sem)	<i>Periódico de recreio e instrução</i> . Periodicidade Semanal.
*Radical	1890 (02 sem)	<i>Órgão Republicano, como folha essencialmente política, o Radical defenderá sempre a causa da Federação</i> . Periodicidade Semanal.
*A Penna	1884 (02 sem)	<i>Órgão do Clube Litterário Apollinário Porto Alegre, tem por fim instruir seus consórcios nos gêneros da litteratura comprehendida na sua possibilidade. Não advoga princípios políticos, podendo porém, os colaboradores escrever sobre o mesmo assunto. (06/7/1884)</i> . Periodicidade Semanal.
*Tribuna Litterária	1882 (02 sem)	<i>Órgão das idéias novas. [busca] defender a causa das letras e das sciencias [e] demonstrar a necessidade das ações literárias e científicas.</i> . Periodicidade Semanal.
*O Pervigil	1882 – 1883 (04 sem)	<i>Tratando de todos os assumptos, de todas as theses, sem entrar em profunda e detida analyse, pois para tanto não tem forças, O Pervigil será mais humorístico do que grave.</i> . Periodicidade Semanal.
Zé Povinho	1882 -(02 sem)	Literário. “a encarnação do bello e do sublime, o symbolo do trabalho e do progresso, a irradiação das idéias úteis e generosas, a bozina da sciencia através do espaço do porvir.” Periodicidade Semanal.

Títulos	Período (semestres disponíveis para pesquisa)	Observações (Tipo de jornal, temas privilegiados, periodicidade):
*Cabrión	1880 (02 sem)	<i>Trata de assumptos políticos e sociaes</i> Periodicidade Semanal.
Album Pelotense	1861 -1862 (03 sem)	Literário
*A idea	1878 (01 mês)	<i>Orgão do Club Litterário Democrata.</i> Periodicidade Semanal.
*Album Litterario	1875 (02 sem)	<i>Periódico de recreio e instrucção.</i> Periodicidade Semanal
*Jornal de Pelotas	1862 (01 dia)	<i>Folha política e commercial. Publica-se ás quartas, sextas e domingos. E diariamente sempre que as necessidades exigirem.</i>
*A voz do escravo	1881 (01 sem)	<i>Órgão abolicionista – publicado e dirigido por uma associação.</i> <i>Distribuição gratuita.</i> Periodicidade Semanal ou quinzenal
*Arauto das Letras	1882 -1883 (03 sem)	Literário. Circulava em Rio Grande e Pelotas. Periodicidade Semanal

Durante o século XIX, a maioria dos jornais diários pelotenses costumava ter apenas duas folhas, formando quatro páginas, com um tamanho que variava entre 45cm X 62cm e 41cm x 60 cm. As notícias eram dispostas em seis ou sete colunas e geralmente eram impressas na primeira e segunda páginas. Na terceira página eram publicados editais, anúncios e notícias. Geralmente a quarta página era composta por anúncios em sua maioria. Chama a atenção que, em muitos periódicos, pelo menos meia página da capa era destinada à publicação de textos literários, muitos em forma de folhetim. Após uma primeira leitura das fontes foram eleitas algumas categorias, as quais serão descritas a seguir:

LEITURAS DE MULHERES E PARA MULHERES EM PELOTAS NO SÉCULO XIX

Michelle Perrot, ao analisar o processo de exclusão a que as mulheres foram submetidas, argumenta que a história é escrita no masculino. A autora afirma que “econômica, a história ignora a mulher improdutiva. Social ela privilegia as classes e negligencia os sexos. Cultural ou ‘mental’, ela fala do homem em geral, tão assexuado quanto a humanidade” (PERROT, 1988, p.185). Discutindo a História da

Educação sob a perspectiva de gênero, Louro (1992, p. 62) afirma que a “História que usualmente se produz é pretensamente neutra (...) se lida de fato com atores sem corpo, sem cor, sem gênero”.

Para Perrot (2007), a primeira imprensa feminina foi a de moda, que iniciou no século XVIII. Em sua maioria, eram os homens que escreviam, mas as mulheres se introduziram pouco a pouco, como no *Jornal des Dames* (1750-1778), de Paris.

Conforme a autora, essa imprensa teve um grande desenvolvimento no século XIX, em razão de seu sucesso junto às mulheres, em busca de conselhos de moda. As mulheres se infiltraram e se apoderaram dessa imprensa, configurando-se em um espaço da escrita feminina do século XIX na Europa. O que faz denotar que a imprensa direcionada às mulheres tinha características diferenciadas da imprensa destinada aos homens, pois, na imprensa dos homens, a mulher seria ignorada como interlocutora, sendo apenas um objeto.

Conforme Maria Arisnete Câmara de Moraes (2002, p. 72), a literatura registra que muito se tem escrito e comentado acerca das relações das mulheres brasileiras com os livros e suas formas de apropriação. Da mesma forma, a literatura registra também as tensões que as mulheres enfrentavam, no início de sua formação como leitoras, no cenário brasileiro imperial, que estava prestes a tornar-se republicano. Segundo Moraes (1998, p.71-85), “às leitoras do século XIX, recomendava-se a prática de leituras amenas e delicadas, cujas temáticas girassem em torno de amores românticos e bem-sucedidos”.

Assim sendo, resta-nos a dúvida: Será que no Sul do Brasil, especificamente na cidade de Pelotas, esse processo aconteceu de forma similar? As mulheres aqui liam revistas femininas? Liam livros? Liam jornais diários? O que era indicado para que as mulheres lessem? O que não era indicado para que as mulheres lessem?

Na leitura das fontes identificaram-se textos que trazem a mulher como tema central, e outros que se direcionam para as leitoras. Além disso, acredita-se que algumas escritas femininas publicadas nos jornais indicam representações de leituras realizadas por essas mulheres, como se pode observar a seguir.

Mulheres como tema de debate: escritas sobre mulheres

A temática “mulher” é abordada na maioria dos jornais e percorre as três décadas estudadas. Encontram-se textos que versam sobre a importância da

mulher na sociedade, e sobre como deve ser a sua conduta, enfatizando, por exemplo, que a educação é mais importante que a instrução, e que os livros, muitas vezes, podem “subverter” as mulheres, como se verifica nos excertos abaixo:

VARIEDADE – A MULHER

[...] a mulher parece destinada pela própria natureza para formar o templo de felicidade domestica. A sua simplicidade e ingenuidade tornam-n'a mais amável e interessante aos olhos do homem de que a sua illusão e até pode firmar que perde tantos mais quilates de seus naturaes atractivos quanto mais ganha com a arte de adornar seus pensamentos.

Assim é que a sciencia mais útil das mulheres, como esposas e como mães, é que tem por fim o melhor arranjo da economia e costumes domésticos, a de agradar e fazer-se estimar de seus esposos e dirigir com esmero os primeiros impulsos physicos e Moraes dos ternos seres, cuja primeira educação lhes é privativa. (Correio Mercantil, 28 de abril de 1876, capa).

A escola do Amor

[...] eu concordo que há romances realmente prejudiciaes; mas não há livros que poderiam, sem perigo, instruí-la?

- Ora! Quaes? A história é um estudo inútil.

são os livros e o mundo que ensinam a mulher a ser coquette, e a pervertem. (Correio Mercantil, 07 de outubro de 1875, p.3-4)

Observa-se que a temática “mulher” refletia o que se discutia na sociedade, sendo inclusive tema de tese debatida nas associações literárias de Pelotas e cidades vizinhas:

Discurso

Proferido na 1ª Palestra da Sociedade litteraria Íris Brazilico.

Convenho, pois, senhores, que se deve olhar com mais cuidado pela illusão da mulher; mas creio e penso que não se deve dilatar mais o âmbito das suas atribuições, porque, prossequindo, ella, em qualquer carreira litteraria, até obter uma formatura, os misteres.]

Da sua própria profissão hão de dar-lhe cuidado que a obriguem a viver mais para si e para estranhos do que para aquelles que devem fazer parte da sua existência.

E assim esta mulher, se capta a nossa administração, também merece a nossa censura, e por seu marido só pode ser tida como um traste de necessidade material.

Admitta-se, pois, a possibilidade de poder existir uma mulher tão (solicita e providente) que dispense seus disvelor e extremos, tanto sobre os entes que lhe são caros e vivem dos seus affectos, como sobre aquelles que por interesse material merecem seus cuidados.

(cont.) Fernando Pimentel pag 1-2(Progresso Litterario, 29 de abril de 1877)

Direcionamento de leituras à mulher - leitura para mulheres

Muitos textos eram direcionados às mulheres, principalmente os folhetins, onde as senhoras eram evocadas e muitas vezes tinham a sua opinião questionada. A existência desse direcionamento às mulheres provoca questionamentos: Que características tinham os textos? Como as mulheres eram tratadas? Que tipo de livros era indicado?

Folhetins e domingos – Sulpício [autor]

[...]

Um folhetim sem domingo é lua entre nuvens, estrella sem fulgores, rosa sem perfumes, romance sem amores, verso sem poesia. Tudo está nos hábitos.

Ao domingo, o folhetim entra em ordem dos deveres sociais e religiosos.

É o sinal da cruz antes do penteado; a oração antes da missa conventual; o café antes do almoço; o Deus te abençoe à creada, e a benção ao papai que não é madrugador.

A leitora, ergue-se descuidadamente, os cabelos em desalinho, a imaginação ainda agitada aos pensamentos da vigília, e o seu primeiro cuidado é dirigir um meigo olhar à porta da rua em busca da folha quotidiana, desdobral-a (a folha, não da porta) para ver o folhetim, com a mesma impaciência e interesse com que abriria a janella para contemplar a face do domingo. Os costumes são como os vícios e as paixões. Adquirem-se facilmente e custam sempre a deixar, quando não perduram eternamente.

[...]

Produzem no espírito da leitora o mesmo efeito que um domingo de chuva. Após a sua contemplação, se succedem-se os signaes de desagrado, precursores de um aborrecimento insuportável, sentem-se no coração as mesmas tristezas, os mesmos desgostos que occasionariam um domingo de relâmpagos, de trovões, em que as torneiras celestes despejassem água a ponto de afogar até as esperanças de vêr o futuro, (o futuro, entendem?) passar na calçada, fazer a cortezia do estylo, ou de ir apreciar as harmonias da musica nos boulevards da cidade. **Deus livre as minhas leitoras dos folhetins e domingos de inverno. A semana foi estéril em novidades. Não choveram as calamidades publicas nem houve calor nas altas regiões dos grandes acontecimentos políticos ou ecclesiasticos... (Correio Mercantil, 25 de julho de 1875, capa) [grifos meus].**

*A semana e as diversões – Andou tudo em movimento, **sim senhoras**, em verdadeira actividade [...]* (Correio Mercantil, 28 de maio de 1876, capa) [grifos meus].

Phantasmagorias – Faure Nicolay

*“Já viram o tinhoso, **minhas senhoras**? O satanaz, Deus dos infernos, que habita os antros da terra[...]”.* (Correio Mercantil, 23 de janeiro de 1876, capa) [grifos meus].

*Dir-vos-hemos ainda **minhas senhoras**, que veleis nos jornaes, nos folhetins, nos romances? (Correio Mercantil, 28/04/1876, capa) [grifos meus].*

Mulheres que escrevem sobre suas leituras – leituras de mulheres

Entendendo que a escrita é reflexo de leituras, pode-se dizer que os textos de mulheres publicados nos jornais são representações de suas leituras. Dessa forma, nessa parte do projeto são apresentados textos escritos por mulheres que são escritoras (consagradas ou não) de diferentes tipos de textos e, em alguns casos, também são leitoras dos jornais pelotenses do século XIX.

No jornal Correio Mercantil de 29 de abril de 1886, encontramos a publicação de um comentário da leitora Luiza Cavalcanti Filha sobre o texto da escritora portuguesa Maria Amália Vaz de Carvalho. A relevância desse comentário se dá em virtude de, além de ser um texto escrito por uma mulher, ser o texto de uma leitora, o que permite que possamos entender um pouco mais sobre como as leitoras poderiam se apropriar dos textos publicados no jornal que “falavam” *para* ou *sobre* elas. Outro aspecto relevante é o posicionamento contrário ao “machismo” que Maria Amália defendia. Se ao publicar o texto de Carvalho, a intenção fosse defender a postura contra a instrução feminina e a favor apenas da educação para o lar, com a carta de resposta da leitora, “o tiro não teria saído pela culatra?” Seguem trechos do comentário da leitora:

Fallemos da mulher

Sectaria fervorosa do adiantamento intellectual da mulher, obscuro satellite de sua evolucao litteraria, irresistivelmente impelida pelo desejo vehemente de vê-la a ascender a esphera luminosa do pensamento, ousou delinear duas palavras sobre o trasncendente assumpto, assas discutido por áureas pennas cônica de minha incompatilidade derivada da tríplice falta: exígua intelligencia, acanhadissima instrucção e verdes annos[...]

[...] não devo portanto cohibir minhas opiniões: externo-as, embora rude e timidamente.

No alvorecer da existência, repleto de aspirações de esperanças fulgentes, o jovem Brazil almeja progredir, elevar-se a amplitude das cultas potencias européias, o que não conseguirá enquanto não compenetrar-se da absoluta necessidade de instruir a mulher, esta importante parte da dualidade humana.

Iluminar a mulher, dar-lhe ingresso no esplendido templo das sciencias – metamorphoseal-a – e arrancal-a do labyrintho de trevas em que jaz immersa, entregar-lhe o fio de ariadne – a instrucção [...]

Maria Amália Vaz de Carvalho afirma originar-se da inaptidão feminina a ruína capital da sociedade hodierna; diz a laureada e invejável escriptora lisbonense:

“Educar a mulher, eis o grande problema que resta ainda resolver.”

Quantos desvarios, quantos desenlaces dolorosos, fataes, obstrar-se-iam, se fosse a mulher devidamente educada, dse infundissem-lhe a alma a noção sublime do bem?

A missão terrena da mulher é a maternidade

Que esplendida! Que augusta missão!...

E, para desempenhar cabalmente tão sagrado dever, é mister cingirna fronte a auréola esplendorosa do saber.

Estude a donzela, despreze os bailes, os vãos saraos, onde, imperceptivelmente desprende suas azas cândidas, dedique-se ao cultivo do intellecto, que a coadjugada pela soberba intuição que deu-lhe a natureza, exhibir-se-há condignamente nas scenas da vida. Felizmente na nossa dilecta provincia já destacam-se algumas senhoras que, quebrando a cadêa de errôneos preconceitos e falsas theorias, abraçam a senda do progresso tornando-se salientes nessa plêiade brilhante: Julieta Monteiro, Revocata de Mello, Cândida Fortes, cândida isolina de abreu, Honorina Torres – almas plenas de entusiasmo e sensibilidade – Antonieta Cezar Dias – inspirada criança, que permuta as blandícias do lar pelo banco acadêmico, as magas ilusões da juventude pelo livro árduo da sciencia.[...]

Luiza Cavalcanti Filha (Correio Mercantil, 29/04/1886 col. 5 e 6)
[grifos meus]

Ainda em defesa da instrução e em favorecimento da Bibliotheca Pública Pelotense, D. Angélica Borges da Conceição Filha profere discurso que é publicado no jornal Correio Mercantil de 10 de setembro de 1878.

Discurso proferido pela Exma. Sra. D. Angélica Borges da Conceição Filha

Progresso, civilização, luz e instrucção, eis o que symbolisa esse pedaço de granito collocado na terra de Pelotas para attestar perante a posteridade a dedicação de seus illustres habitantes pela nobilíssima causa do aperfeiçoamento da humanidade.

Grandioso exemplo de amor ao belo, ao útil e ao sublime!

Erguer monumentos ao trabalho e á instrucção, ensinar as classes desprotegidas da fortuna a pensar e sentir, a comprehender seus direitos e deveres, é de certo o que de mais nobre e generoso pôde apprehender a iniciativa individual e o que de mais apazível podem almejar as sociedades modernas.

A instrucção é o ideal dos espíritos avançados, a alavanca poderosa que ha de mover as aspirações dos séculos e converter em realidade as esperanças dos povos que se empenham pela liberdade de crenças e ideas perante a igualdade licita de regalias e obrigações.

Quando os altos potentados políticos e sociais comprehenderem esta verdade e se esforcarem no sentido de eleva-la á ordem das doutrinas e ciências positivas, cessarão para sempre as ambições

exageradas, as lutas constantes entre a democracia e os fidalgos hereditarios, para predominar a garantia de interesse e o respeito às posições justamente adquiridas.

Distribui em abundancia – instrucção e trabalho ao povo, que depende desses dois elementos de riqueza e felicidade – a firmeza de suas crenças, a consolidação de suas alegrias, o seu amor às instituições, a homenagem mais sincera de apreço e admiração a tudo quanto se relacione com a virtude, a honra, o patriotismo e a moralidade.

No conchego intimo da família ou nas relações sociaes, a instrucção é tão necessaria ao espirito como o sol á vegetação e o ar á existencia.

Estudo e saber – eis os possantes motores da perfeição humana.

Estabeleçam-se bibliothecas e escolas por toda a parte; distribuíam-se livros e conhecimentos, que desaparecerão para sempre – o despotismo, o crime, a intriga, a inveja, o fanatismo, as paixões desordenadas e outros tantos sentimentos reprovaveis que se alimentam á sombra da ignorancia sustentada pela especulação dos mais atilados que fazem profissão do atrazo dos povos.

Rebrilhe a luz da instrucção como phanal da actualidade, que o futuro será um hymno de glorias ao progresso, ao bem e a sciencia.

Senhoras e senhores. – protegeei a Bibliotheca Publica Pelotense – Rodeai-a de favores e benevolencias. – Concorrei para que sobre aquella pedra fundamental se erga pujante e beneficente, que tereis prestado o mais assignalado serviço de engrandecimento e aos creditos d'esta cidade.

Da instrucção e do trabalho, depende o progresso, a civilização e a liberdade.

(Correio Mercantil , 10 de setembro de 1878)

Ainda sobre a escrita de mulheres, a sra. *Anagramma de Arminda*, em 16 de dezembro de 1877, no Folhetim intitulado *Collaboração Feminina*, questiona sobre o porquê da mulher não ter direito de ir à imprensa para falar dos assuntos que lhe interessam. Fala que em alguns lugares as mulheres vêm se destacando, mas que, por exemplo, nos jornais a maioria dos artigos são escritos por homens. O que reflete uma constatação feita pela colaboradora do jornal em relação às suas leituras dos jornais.

Outra atividade que se configura em decorrência da leitura é a tradução. No excerto que segue, observamos a divulgação de uma tradução realizada pela professora Ursula Lima, indicando mais uma obra realmente lida por uma leitora pelotense:

Litteratura

N'esta secção de nossa folha de hoje, publicamos uma bellissima traducção feita da variedade franceza – A virgem de Van-Dyck, pela professora Exma. Sra. D. Ursula da Silva Lima.

*Para nesse primoroso trabalho chamamos a atenção dos leitores
(Correio Mercantil 28 de fevereiro de 1886 – P. 2).*

Também chama a atenção a publicação de textos de mulheres como os de George Sand e de Maria Amália Vaz de Carvalho, mulheres européias que se interessavam por política e escreviam sobre a condição feminina no século XIX. Ao verificar a constante publicação de textos de Maria Amália Vaz de Carvalho, durante quase uma década (05/1878, 08/1878, 10/1878, 11/1878, 09/1879, 03/1887, 06/1887, 04/1888) constata-se a necessidade de analisar essas publicações com maior profundidade.

CONSIDERAÇÕES PARCIAIS

Até o presente momento, o trabalho tem se encaminhado para que os objetivos previstos sejam atingidos, tendo em vista que alguns achados indicam a possibilidade de responder às questões levantadas para a proposta de pesquisa.

Através da coleta de dados, tem-se identificado locais de produção de leitura em Pelotas no século XIX, e textos que se configuram em representações de leitura “de” e “para” mulheres, além das escritas “sobre” mulheres. Verifica-se uma distinção no direcionamento dos textos para mulheres e homens o que mostra que no mundo da leitura do século XIX ser homem e ser mulher eram construções sociais fortemente diferenciadas.

REFERÊNCIAS

CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre certezas e inquietude. Porto Alegre: Editora UFRGS, 2002.

_____. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: Difel, 1990.

CHARTIER, Roger. Cultura Popular: revisando um conceito historiográfico. **Est Históricos**. Rio de Janeiro, v.8, n. 16, 1995.

LONER, Beatriz Ana. Jornais pelotenses diários na República Velha. **Ecos Revi Pelotas**, v. 2, n.1. abr. 1998.

LOURO, Guacira L. Uma leitura da história da educação sob a perspectiva do gênero. **Teoria e Educação**, Porto Alegre, n. 6, p. 53-75, 1992.

MORAIS, Maria Arisnete Câmara de. A leitura de romances no século XIX. **Cadernos CEDES**, Campinas, v. 19, n. 45, 1998. p. 71-85.

_____. **Leituras de mulheres no século XIX**. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.

PERROT, Michelle. **Minha história das mulheres**. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.